

A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA

Daiane Maria Hanycz¹

Rejane Klein²

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa, sobre a construção da escrita pela criança. O objetivo deste estudo é compreender quais são os conhecimentos que se manifestam na fase inicial da escrita e como acontece a construção da mesma, verificando o que os alunos já sabem escrever por volta dos quatro e cinco anos de idade. Para tal pesquisa, recorreu-se aos estudos de Cagliari(1989) sobre a história da escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1991) sobre as fases da escrita, entre outros autores. Os resultados demonstram que as crianças já vão para escola com algum conhecimento e iniciam a escrita por volta dos cinco anos de idade, antes disso fazem apenas rabiscos e representam a escrita através de desenhos.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Escrita, Criança, Alfabetização.

Neste artigo analisaremos como a escrita surgiu e as transformações que ocorreram desde o seu aparecimento até os dias de hoje. Para melhor entendimento da época em que a escrita teve início recorreremos aos estudos de Cagliari (1989). O autor menciona que a escrita passou pelas fases: pictórica, ideográfica e alfabética. Ainda abordaremos as fases pelas quais passa o desenvolvimento da escrita segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky, para compreender como ocorre a construção da escrita pela criança. As descobertas da autora apontam que a escrita passa por um processo de construção que está relacionado ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança.

¹ Acadêmica do 4º ano do Curso de Pedagogia, daianemhanycz@hotmail.com.

² Doutora em Educação, docente do Curso Pedagogia, rejane_klein1@hotmail.com.

2. Breve histórico da escrita

O desenvolvimento da escrita na humanidade passou por diferentes momentos. Segundo Cagliari (1989), podemos dizer que esta possui uma história e passou por três fases: a escrita pictórica, a ideográfica e a alfabética.

A escrita pictográfica foi muito usada pelos astecas³, e caracteriza-se principalmente por desenhos que representavam as ações que os homens antigos faziam, os pictogramas serviam como meio de comunicação entre estes povos.

O alfabeto teve origem através dos ideogramas. A escrita ideográfica caracteriza segunda fase do desenvolvimento da linguagem escrita. Neste tipo de grafia ocorria uma mistura entre desenhos e símbolos. Por exemplo: o B era a representação de uma casa egípcia, o M era relacionado com as ondas do mar, o X representava peixe e assim por diante.

O desenho foi à forma que o homem primitivo encontrou para se comunicar, e um desenho possuía vários significados. O sol poderia representar que o dia estava ensolarado, mas também que estava dia ou ainda, brilhante.

A escrita representada por desenhos evoluiu para a escrita ideográfica, que surgiu na Suméria entre 3150 a.C. e 3000 a.C. esta escrita era representada por sinais.

Os Sumérios ainda não satisfeitos apenas com os desenhos e o alfabeto, queriam chegar a forma escrita da comunicação, foi assim que os signos passaram a ter valores fonéticos, sons e não mais significados, foi assim que surgiu a escrita alfabética.

O alfabeto surgiu com um conjunto de vinte e quatro sinais, cada sinal representava uma consoante e foram os Gregos que fizeram uma adaptação da representação silábica herdada do povo semítico.

Como tinham necessidade de comunicação, e moravam em cavernas escreviam nas paredes das cavernas, em pedras e tijolos de argila e assim foi por muito tempo. Mas não poderiam escrever nesses lugares por toda a vida, pois a sociedade se complexificou e exigiu outras formas de comunicação. Assim o surgimento dos papéis e tinteiros, contribuiu bastante para o desenvolvimento da escrita.

Segundo Cagliari (1989) o papel se originou do papiro, uma planta que existia a margem do Rio Nilo. Os Egípcios aproveitavam hastes desta planta resultando em um papel amarelo e resistente. O material para escrever não bastava, pois precisavam de

³ Povo que habitava no México antes da dominação Espanhola.

canetas, passaram então a utilizar uma pena de caniço⁴ embebida em uma tinta feita de fuligem de água, engrossada com goma. Com o passar do tempo, tudo isso foi se transformando, até surgirem às canetas, que hoje utilizamos.

A escrita evoluiu de maneira significativa, sempre foi considerada uma maneira de representar algo, seja através de desenhos (pictogramas) ou através da fonetização (sons), pode-se dizer que se tornou fundamental para comunicação entre as pessoas. Para Cagliari:

A escrita, seja ela qual for sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural. A invenção do livro, e, sobretudo da imprensa são grandes marcos da história da humanidade, depois, é claro da própria invenção da escrita. Esta foi passando do domínio de poucas pessoas para o do público em geral e seu consumo é mais significativo na forma de leitura do que na produção de textos. Os jornais e revistas são hoje tão comuns quanto à comida. Para a maioria das pessoas, além de aprender a andar e a falar, é comum aprender a ler e a escrever (1989, pág. 112.).

Pudemos perceber que a escrita nasceu com a necessidade de comunicação na época primitiva e tornou-se fundamental na vida das pessoas e hoje seria impossível viver sem ela, pois a necessidade de comunicação, de estudo, de leitura é grande. O mundo gira em torno da comunicação e como consequência da escrita. Como vimos a escrita se transformou ao longo dos séculos e desenvolveu-se de acordo com as necessidades de comunicação da humanidade. De acordo com Cagliari as crianças passam por um processo semelhante ao construírem a língua escrita. Na atualidade a aprendizagem da língua escrita inicia quando a criança é muito pequena. Para aprofundar o assunto abordaremos no próximo item como alguns estudiosos explicam o desenvolvimento da escrita pela criança antes desta freqüentar o Ensino Fundamental.

2.1. A construção da escrita pela criança.

A escrita iniciou a partir da necessidade de comunicação do homem e serviu para expressar pensamentos por meio de signos. Pode-se dizer que esta forma de comunicação instiga e interessa crianças ainda muito pequenas. Por volta dos dois anos de idade quando se dá uma caneta e oferece-lhe uma folha de papel ela começa a escrever sem se preocupar se está certo ou não e se é questionada dirá que está escrevendo.

⁴ Cana usada para pescar.

Neste sentido, todas as atividades escritas da criança, até mesmo os desenhos e rabiscos devem ser consideradas uma forma de comunicação que se diferencia da linguagem oral. Para a criança os desenhos e rabiscos servem como forma de registro de histórias, brincadeiras, desejos, pensamentos e vontades. Pode-se dizer que expressam a necessidade de comunicação que os pequenos tem de manifestar-se. Conforme Martins:

O desenvolvimento do grafismo infantil não deve ser considerado como fruto apenas do treinamento específico. Ele é um processo de construção do sistema de representação que culmina com a produção da escrita como um instrumento de comunicação e expressão. (MARTINS, 2007, pág.01)

A criança inicia a comunicação escrita através da pictografia, ou seja, antes dela aprender o que é escrever, apenas faz desenhos, no decorrer do desenvolvimento da escrita mistura letras e desenhos, experimentando como se escreve. Esta escrita é intuitiva, embora haja um processo de reflexão sobre o que faz ela ainda não é capaz de compreender como o sistema da escrita funciona. A escrita inicia-se antes da criança ir para a escola e é através dos rabiscos e desenhos que experiência o que é escrever. Em geral, as primeiras palavras que escreve é seu nome e o de seus amigos e familiares Teberosky aponta que:

A última etapa, que às vezes pode ocorrer antes do início da escolaridade obrigatória, consiste numa análise que vai além da sílaba. Essa etapa desenvolve-se a partir dos esforços da criança para interpretar ou produzir as palavras próximas ao modelo convencional, geralmente palavras cujo conteúdo elas conhecem e constituem como modelos fixos de escrita. É o caso do nome próprio. (1992, p. 69).

A escrita convencional caracteriza a última fase na aquisição da língua escrita. Antes disso, a criança experimenta e reflete sobre o que é escrever, isto torna evidente que antes de ir para a escola a criança já possui alguns conhecimentos sobre esta forma de comunicação.

Como já dissemos a escrita passa por diversas fases e por volta dos três a quatro anos a criança supera os rabiscos e passa a desenhar círculos, é nesta fase que necessita de repetições, por isso ela faz vários tipos de círculos, alguns mais alargados, outros menores e isso faz com que sua mente se desenvolva. A partir daí ela começa a desenhar pessoas com formas de palito ou então parecidas com girinos, faz ziguezague, bolas menores, bolas maiores e quando questionadas sobre os desenhos, fazem inúmeras

interpretações, falando que é a mãe, o cachorro, que escreveu seu próprio nome e assim por diante.

Segundo Greig (2004) *apud* Martins (2007), quando a criança tem o primeiro contato com a folha surgem às garatujas, depois passa pela fase dos rabiscos, o movimento circular e o vaivém. Mais tarde passa do gesto ao traçado, esta fase denominada por Greig de marcas. Na medida em que a criança faz associações, gestos e traços desenvolvem a atividade mental.

O desenvolvimento da escrita da criança acontece com a construção do próprio eu, com as relações do seu cotidiano de acordo com o avanço da idade. Entre três e seis anos as crianças relacionam o desenho com o mundo em que vivem.

3. Construção da escrita pela criança segundo Ferreiro e Teberoski

Ferreiro (1991) desenvolveu uma pesquisa para compreender como a criança pensa para escrever. As descobertas da autora apontam que a escrita passa por um processo de construção que está relacionado ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança. A autora dividiu a construção da escrita em níveis.

NÍVEL 1: nesta fase a criança começa a escrever de sua maneira fazendo linhas curvas, ou retas, repete sempre a escrita de maneira parecida, mas interpreta de maneira diferente.

É neste nível que a criança acha que o nome da pessoa, objeto ou animal precisa ser escrito de acordo com seu tamanho, Ferreiro e Teberoski asseveram que:

David acha que “papai” se escreve mais comprido que David Bernardo Mendes (seu nome e sobrenome completos). Num contexto completamente diferente, uma menina que acaba de completar cinco anos e que está em psicoterapia por um problema afetivo leve e que pede, regularmente, em cada sessão, a sua terapeuta que lhe escreva o seu nome, desta vez pede: “Escreva-me meu nome. Mas tens que fazê-lo mais comprido, porque ontem fiz aniversário”. (1991, p. 184)

Podemos observar assim, que as crianças relacionam a palavra com o objeto ou pessoa real. Por isso, David acha que o nome de seu pai escreve com mais letras porque o pai é grande. Em relação ao próprio nome David acredita que deva ser escrito com menos letras, pois, ele é pequeno, assim como a menina que pensa que as letras aumentam de acordo com a idade.

Neste nível a criança mistura o desenho com a escrita, e quando questionada, os confunde. Ainda neste período percebemos que cada letra equivale ao todo e a leitura é sempre global.

NÍVEL 2: Neste período a escrita começa a ganhar formas parecidas com as letras, a criança já conhece algumas escritas e em sua mente possui modelos fixos, os quais sempre estarão usando para escrever palavras apenas trocando as letras.

O nome é um modelo muito usado, quando solicitada para que escreva algo vai repetir as letras do próprio nome em outras palavras, porque ele tende a partir das letras e palavras que conhece, pois aquele modelo é conhecido, e se insistir para escrever outra palavra ele vai se negar, porque não a conhece.

NÍVEL 3: Neste período a criança começa a dar valor sonoro a escrita sendo que cada letra equivale a uma sílaba é a hipótese silábica, no entanto, quando escreve pode aparecer com grafias que ainda não se parecem com letras. Em relação a escrita silábica Ferreiro e Teberoski comentam que:

Que a hipótese silábica possa aparecer sem que haja grafias suficientemente diferenciadas é absolutamente surpreendente. Porém há pelo menos um caso nítido: Erik,(5ª CB) usa somente formas circulares, fechadas ou semifechadas, as quais ocasionalmente, acrescenta uma linha vertical (dando como resultado algo próximo a P). (1991, pág. 193)

As autoras se surpreendem com fato da criança já apresentar a hipótese silábica, mas ainda recorrer a formas circulares. Isso revela que Érik está conhecendo as letras e está tentando fazer algo que aproxime de alguma letra que conhece, é aí que surgem as primeiras escritas da criança.

NÍVEL 4: Passagem da hipótese silábica para a alfabética. A criança começa a escrever palavras que conhece e que é de sua convivência como, por exemplo, o próprio nome, a palavra papai ou mamãe, o nome do irmão e assim por diante.

A criança não escreve seu nome corretamente, mas, na maioria dos casos usa algumas letras que existem nele, e quando se pede para que leia o que está escrito vai ler corretamente o seu nome, pois para ela está escrito corretamente.

NÍVEL 5: A escrita alfabética que aparece quando a criança compreende que cada um dos caracteres da escrita representa a valores sonoros menores que a sílaba.

Neste momento a criança passa por dificuldades de ortografia, mas já consegue escrever de forma que possa ser entendida.

3.2 As etapas da escrita pela criança segundo Luria

Luria (2001) vem nos apresentar um olhar para antes da escola, que a criança inicia seus indícios de escrita desde que começa a se comunicar com o mundo em que vive.

O psicólogo centra seus estudos na pré-história da escrita assim como Cagliari (1989) visto anteriormente, que apresenta a fase pictórica, que seria a escrita representada através de desenhos, usada para a comunicação entre os povos. A criança, trás indícios destes povos, pois quando começa a se comunicar faz rabiscos e depois desenhos, estes que serão importantes, porque quando o aluno vai para a escola já possui conhecimentos que podem ser explorados pelo professor.

A criança não nasce com uma inteligência desenvolvida, ou com conhecimentos do mundo, mas a partir do momento em que começa a entender o que as pessoas de sua convivência estão lhe ensinando, ela repete, e vai aprendendo, seus conhecimentos serão cada vez mais avançados, pois ela se arrisca e com isso está cada vez mais preparada com o mundo a sua volta.

Segundo Lúria (2001) a primeira fase da escrita acontece muito antes da criança ir para a escola, quando ela começa a fazer rabiscos, pois esta é a imitação da escrita do adulto, mas na realidade ela ainda não entende que esta escrita serve para se comunicar, este entendimento ela vai adquirir quando for para a escola.

A criança usa o desenho como uma técnica para lembrar coisas, só mais tarde o desenho vai servir para pensar conceitualmente. A escrita também se apresenta como uma técnica externa, não faz parte do seu conceitual.

A criança se preocupa apenas em escrever o que lhe é proposto, não tem consciência que o que está escrevendo possui um significado. Para melhor entendimento observaremos a seguir uma citação de Luria, 2001.

Eis um exemplo gráfico de um experimento feito com Lena L., de quatro anos de idade. Demos a Lena algumas sentenças e pedimos que as recordasse, dizendo-lhe que para tanto deveria “anota-las”. Lena ouviu as três primeiras sentenças e, depois de cada uma, começou a anotar seus rabiscos, que eram os mesmos em cada caso, isto é, não podíamos distinguir um do outro. Antes da quarta sentença, eu lhe disse: “Ouça esta vez e escreva...” Lena, sem esperar que eu terminasse, começou a escrever. A mesma coisa aconteceu antes da quinta sentença. (p.150)

Com esta citação Lúria coloca que a criança escreve antes mesmo da sentença ser terminada, pois para ela escrita não passa de rabiscos ou desenhos sem sentido, como se fosse uma brincadeira, e não um meio de comunicação.

A segunda fase da criança antes da escola é representada por símbolos, que são marcas, que indicam a presença de algum significado, com estas marcas a criança sabe que algo foi escrito, mas não serve para descrever o que foi escrito, como citado por Luria, 2001.

Demos a uma criança de quatro anos e oito meses uma série de palavras: “quadro-livro-menina-locomotiva”.

A criança anotou cada uma dessas palavras com uma marca, uma depois da outra, a menina “leu”: “menina-boneca-cama-caminhão”.

Vemos que as palavras lembradas pela criança nada tem a em comum com as palavras dadas; apenas o número das palavras recordadas era o mesmo; seu conteúdo foi inteiramente determinado pelos conjuntos emocionais e interesses da criança. (p.159)

Nesta citação pudemos perceber que a criança cria marcas para as sentenças ditadas, ela sabe que algo está escrito, mas não define o que está escrito.

Assim a escrita da criança passa de rabiscos sem sentido para marcas com representações e indícios de escrita. O desenvolvimento da escrita depende muito de estímulos que a criança recebe.

O terceiro nível é representado por uma mistura de símbolos, desenhos, ou letras, esta é a fase simbólica. Quando a criança começa a representar a sua escrita através de uma série de repetições de letras que já conhece.

Luria (2001), em sua pesquisa, nos trouxe a pré-história da escrita da criança, ou seja, a escrita que a criança possui antes de ir para a escola. E, a partir do momento em que a criança começa a adquirir conhecimentos da escrita, e entender o que está escrevendo, vai construindo assim novas formas culturais, chegando à forma escrita e esquecendo assim da sua escrita de antes da escola.

4 Análise de dados

4.1 Caracterização da pesquisa

O objetivo deste estudo é compreender quais são os conhecimentos que se manifestam na fase inicial da escrita e como acontece a construção da mesma, verificando o que os alunos já sabem escrever por volta dos quatro e cinco anos de idade.

A observação e coleta de dados aconteceram em um CEMEI na cidade de Irati, sendo que observamos duas crianças. Uma com quatro anos de idade e uma com cinco.

Durante o período de coleta de dados fizemos algumas atividades com o objetivo de compreender se haveria diferença na escrita inicial das crianças de quatro e cinco anos de idade.

A questão que queríamos responder era, crianças com idades diferentes apresentam uma evolução diferente na fase inicial da escrita?

A observação acontecia uma vez por semana, no mesmo dia e no mesmo horário, durante uma hora, no período de três meses.

As crianças eram reunidas em uma única mesa, eram instruídas sobre o que deveriam escrever ou desenhar, mas era impossível permanecer por mais de uma hora, pois ficavam muito agitadas e não queriam mais acatar a sentenças repassadas.

4.2 Análise dos dados

Nomeamos a criança de quatro anos como criança I, e a de cinco como criança II, para que assim possamos estar fazendo uma análise do nosso estudo sem citar nomes, privando com isso a integridade das crianças.

Durante o início da investigação pudemos perceber que a criança de quatro anos possui dificuldades bem maiores do que a de cinco, pois quando solicitado para que ela escrevesse algo, apenas falava que não sabia ou fazia rabiscos nada definidos, já a criança de cinco anos escrevia com frequência seu nome.

Como primeira sentença foi solicitada para que as crianças desenhassem a sua mãe e escrevessem “mamãe”:

Criança I se recusa, falando que não sabe, fala o nome da sua mãe, fica pensativa, se distrai. Depois de algum tempo inicia o desenho, faz apenas alguns círculos, e coloca alguns rabiscos ilegíveis, falando que é o nome da sua mãe.

Criança II desenha a mãe cuidadosamente, se preocupando com todos os detalhes, desenhando todos os membros, mas se recusa a escrever o que foi solicitado alegando que não sabe desenhar nenhuma letra.

Num próximo encontro é solicitado para que as crianças desenhem e escrevam “elefante” e “formiga”, fazendo o seguinte questionamento: Formiga tem poucas ou muitas letras? Por quê? E elefante?

Criança I fica calada diante dos questionamentos, e quando solicitado para que desenhe as sentenças, faz algumas bolinhas, e alguns rabiscos.

Criança II responde que formiga se escreve com poucas letras porque ela é pequena, falando que esta palavra se escreve com duas letras, e elefante tem muitas letras porque ele é grande, em seguida, desenha e escreve formiga com apenas duas letra que são do seu conhecimento e elefante com cinco, também o mesmo caso.

Em uma das observações é solicitado para que as crianças copiem as palavras que estão em uma folha para ver se elas conhecem o que está escrito, a primeira palavra corresponde ao nome da criança, as outras palavras são respectivamente: sapo, flor e mamãe.

Criança I possui dificuldades até mesmo para escrever seu próprio nome, trocando as letras de posição, as outras palavras também tenta escrever, mas as letras que consegue saem trocadas, ou repetidas, termina a sentença e entrega calada.

Criança II copia as palavras sem dificuldades e logo que observa a palavra “sapo” relaciona com o nome de uma colega que começa com a letra “S”, afirmando que ali está escrito o nome da colega.

Na última observação são mostrados desenhos e escritas feitas por eles em observações anteriores para ver se eles recordam.

Criança II não lembra, pois os desenhos e letras feitas por ela ainda não eram usadas como marcas para serem lembradas e não possuíam indícios de escrita, assim ela sabia que foram rabiscos feitos por ela, mas não sabia o que representavam.

Criança II lembrou com muita facilidade, pois os desenhos feitos por ela representavam algo, possuíam algum significado.

Ainda nesta observação a criança I fez um desenho denominando como “eu e a minha mãe”, foram desenhos definidos e, pela primeira vez, escreveu seu nome sem a ajuda de ninguém.

5 Considerações Finais

Diante do que foi analisado, podemos dizer que as crianças com idades diferentes constroem seu conceito de escrita, suas hipóteses de maneiras diferentes, de modo natural, de acordo com a sua idade.

Como pudemos observar a criança I que possuía quatro anos de idade no início ainda não possuía escrita e desenho definido e depois de alguns meses já fazia desenhos que poderiam ser interpretados e letras legíveis, até seu nome conseguia escrever, aí aconteceu a construção da escrita.

A criança II, com cinco anos já possuía escrita mais definida que a criança I, pois desde o início conseguia escrever seu nome e fazer desenhos definidos, assim pudemos concluir que as crianças de quatro e cinco anos já possuem algum conhecimento da escrita, mas o que predomina são os desenhos, que são a forma pela qual a criança inicia sua escrita.

Referências:

- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística**, 1 ed., São Paulo, Scipione, 1989
- MARTINS, M. **A evolução do grafismo e a escrita alfabética em crianças de dois e seis anos**. In V Trindade. *A unicidade do conhecimento*. Évora, 2007.
- FERREIRO, E., TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua escrita**, Porto Alegre, Cortez, 1991.
- VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo, Martins, 1999.
- KRAMER, S. LEITE, M.I, (org). **Infância flos e desafios da pesquisa**. Papyrus, 2007.
- FERREIRO, E. **Alfabetização em processo**. São Paulo, Cortez, 1998.
- TEBEROSKI, A. **Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais**. Barcelona, ática, 1992.
- SMOLCA, A.L.B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização com processo discursivo**. São Paulo, Cortez, 1999.
- VIGOTSKY, L.S., LURIA, A.R., LEONTIEV, A.N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**, São Paulo, Ícone, 2001.